INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI (PI)
CURSO DE LINCENCIATURA EM FILOSOFIA

FRANCISCO RONALDO DOS SANTOS SOUSA

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA SEGUNDO ROSSEUAU: REALIDADE, DESAFIOS E AVANÇOS

TERESINA
2014

FRANCISCO RONALDO DOS SANTOS SOUSA

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA SEGUNDO ROSSEUAU: REALIDADE, DESAFIOS E AVANÇOS

Monografia, apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (PI), sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

Cod. 5821
100
J725f
Ex.01

TERESINA

2014

ICSPI - Biblioteca
13080 09/10/19

FRANCISCO RONALDO DOS SANTOS SOUSA

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA SEGUNDO ROSSEUAU: REALIDADE, DESAFIOS E AVANÇOS

Monografia, apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (PI), sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: ____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

Prof. Eudóxio Soares Lima Verde

Prof. Dr. Pe. Domingos Barbosa Filho

TERESINA

2014

Dedico este trabalho a Deus, meu Mestre maior, que todos os dias me dá a capacidade de crescer e superar desafios. Dedico também aos meus pais: Gonçalo e Maria do Carmo que me apóiam incondicionalmente ao longo de toda a minha trajetória estudantil e acreditam no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me iluminar e me dar forças para alcançar meus sonhos e paciência concedida diante de todas as dificuldades;

Esta conquista só foi possível graças ao apoio incondicional de minha família que são a razão da minha vida.

Ao Professor Eudóxio Soares Lima Verde por conduzir esta etapa com leveza, proporcionando segurança, e passando todo conhecimento acerca do assunto.

As professoras Elenir Figueiredo e Maria de Lourdes Skeff, pela valiosa contribuição nesse processo de minha continuação da formação profissional.

Aos meus amigos Francisco Feitosa e Isabel Feitosa, Jacinto Oliveira e Maria José Rocha por me lembrarem todos os dias que a vida em família é a primeira escola que nos prepara para a vida.

"A grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las."

(Aristóteles)

RESUMO

Esse estudo monográfico surgiu com o intuito de contribuir para uma reflexão sobre os preceitos da educação contemporânea, discorrendo sobre as categorias analíticas, principalmente sobre os princípios da vontade geral ou da democracia, individualidade, crítica a razão existente, igualdade e eliminação da opressão e da justiça e da liberdade. A problemática pautou-se em questionar a filosofia da educação contemporânea segundo Rousseau? Qual a realidade, desafios e avanços trazidos pelo pensamento de Rousseau? Os objetivos do estudo monográficos foram: analisar a filosofia da educação contemporânea segundo Rousseau, descrever a contribuição do pensador Rousseau para a sociedade; demonstrar a filosofia, o processo de filosofar e a filosofia e a educação; especificar a filosofia da educação, as compreensões de Rousseau e a pedagogia de Rousseau. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica. Os resultados alcançados demonstraram que Rousseau foi o primeiro grande pensador sobre a pedagogia moderna. Esse pensador estudou uma proposta pedagógica dentro dos conceitos de moral e da política, campos estes de investigação que serviram para a construção de categorias que permitiram visões diferenciadas sobre os temas da educação. Rousseau buscou uma forma teórica onde a razão prevaleça sobre os instintos e as paixões, evitando que as desigualdades produzam momentos de barbárie e de vulgarização de princípios fundamentais para tornar mais humanas as condições das pessoas condenadas a se utilizarem da crítica-reflexiva para garantir suas condições morais e, conseqüentemente, políticas.

Palavras-Chave: Filosofia. Educação. Rousseau.

ABSTRACT

This monographic study arose in order to contribute to a reflection on the precepts of contemporary education, discussing the analytical categories, mainly on the principles of the general will or democracy, individuality, criticism of existing reason, equality and elimination of oppression and justice and freedom. The problem was based on questioning the contemporary philosophy of education according to Rousseau? What is the reality, challenges and advances brought by the thought of Rousseau? The objectives of the monographic study were to assess the contemporary philosophy of education according to Rousseau, describing the contribution of the thinker Rousseau to society; demonstrate the philosophy, process philosophy and the philosophy and education; specify the philosophy of education, understandings of Rousseau and Rousseau's pedagogy. The methodology used was the literature research. The results obtained showed that Rousseau was the first major thinker on modern pedagogy. This thinker studied a pedagogical proposal within the concepts of morality and politics, these fields of research that served to construct categories that allow different views on the issues of education. Rousseau sought a theoretical way where reason prevails over the instincts and passions, preventing inequalities produce moments of barbarism and extension of fundamental principles to become more humane conditions for those sentenced to use critical-reflective to ensure their conditions moral and thus policies.

Key-Words: Philosophy. Education. Rousseau.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE ROUSSEAU 11
1.1 CONTRIBUIÇÃO DO PENSADOR ROUSSEAU PARA A SOCIEDADE 11
1.2 INDIVÍDUO NA SOCIEDADE, CONTRATO SOCIAL E A MORAL SEGUNDO ROUSSEAU 15
2 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – ELUCIDAÇÕES CONCEITUAIS E ARTICULAÇÕES 21
2.1 BREVES COMENTÁRIOS SOBRE FILOSOFIA 21
2.2 PROCESSO DE FILOSOFAR 24
2.3 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO 26
3 CONTRIBUIÇÕES DE ROUSSEAU À FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO 29
3.1 FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: COMPREENSÃO DE ROUSSEAU 30
3.2 A PEDAGOGIA DE ROUSSEAU 32
CONCLUSÃO 37
REFERÊNCIAS 39

INTRODUÇÃO

Rousseau foi um filósofo das Luzes, assim como um pensador da razão que fazia parte do pensamento iluminista. Esse pensador atribuiu uma importância a razão, entendendo que a emoção é uma parte característica na construção de uma sociedade mais humana e certa do contrato social que a regula.

Esse pensador foi considerado como um dos primeiros a pensar a pedagogia moderna, contudo, suas contribuições nem sempre são entendidas. Diante disso, essa pesquisa buscou contribuir para uma reflexão continuada sobre os preceitos da educação contemporânea, discorrendo sobre as categorias analíticas, principalmente sobre os princípios da vontade geral ou da democracia, individualidade, crítica a razão existente, igualdade e eliminação da opressão e da justiça e da liberdade.

Esses princípios fazem parte do pensamento de Rousseau em suas obras, principalmente no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Emílio ou da educação* e *Do contrato social.* Entre os motivos que justificam demonstrar estas categorias analíticas estão: a desigualdade, a piedade natural, a democracia, a justiça, a vontade geral, os paradoxos do amor de si e do amor-próprio, a razão, liberdade e a igualdade. Com isso, essa pesquisa teve por escopo analisar a contribuição para a educação contemporânea do pensador Rousseau.

Diante disso, essa pesquisa teve por problemática questionar a filosofia da educação contemporânea segundo Rousseau? Qual a realidade, desafios e avanços trazidos pelo pensamento de Rousseau?

O objetivo da pesquisa pautou-se em analisar a filosofia da educação contemporânea segundo Rousseau. E os objetivos específicos foram: descrever a contribuição do pensador Rousseau para a sociedade; demonstrar a filosofia, o processo de filosofar e a filosofia e a educação; especificar a filosofia da educação, as compreensões de Rousseau e a pedagogia de Rousseau.

A relevância do estudo não fica só a nível acadêmico, pois, este poderá ajudar os discentes a aprimorarem seus conhecimentos sobre este assunto, mas também a nível social, na qual a sociedade precisa saber lidar melhor com a filosofia da educação na contemporaneidade.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, utilizou como tipo de pesquisa a descritiva, e foi sendo realizado através de uma pesquisa teórica, no período de maio a julho de 2014. Dentre os autores que embasaram este estudo destaca-se: Aranha (1989), Carvalho (2002), Chauí (2000), Contrim (2013), Damásio (2000), Forte (1976), Freitas (1985), Luckesi (1994), Mosca (1983), Reale (1991), Rousseau (1999), Sartre (1997).

Esse estudo monográfico está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata da contextualização histórica de Rousseau, analisando a contribuição do pensador Rousseau para a sociedade, descrevendo o indivíduo na sociedade, contrato social e a moral segundo Rousseau.

O segundo capítulo trata da filosofia e educação, elucidações conceituais e articulações. Demonstrando breves comentários sobre filosofia, o processo de filosofar e a filosofia e a educação.

Já o terceiro capítulo trata das contribuições de Rousseau à filosofia da educação, especificando a filosofia da educação, as compreensões de Rousseau e a pedagogia de Rousseau.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE ROUSSEAU

1.1 CONTRIBUIÇÃO DO PENSADOR ROUSSEAU PARA A SOCIEDADE

O nascimento da Era Moderna, historicamente, situa-se no ano de 1453, data em que os turcos invadiram o Império Romano do Oriente, cuja Capital era a Turquia. Por conta dessa invasão os pensadores extinguidos em Constantinopla fugiram para a Itália e levavam consigo as obras dos pensadores Gregos Platão, Platino e Aristóteles. A transição da Idade Média para a Idade Moderna ocorreu sob o contexto do humanismo que segundo Vasconcelos (2010, p. 114):

> Humanismo é o movimento intelectual, estático e filosófico que assinala a transição da Idade Média (começo do século V até meados do século XV) para o Renascimento (Século XV e XVI), marcada pela ascensão do mercantilismo e dos ideais burgueses, momento em que as atividades comerciais se sobrepõem à economia de subsistência feudal.

Esse cenário também é marcado por descobertas científicas que mudariam a visão de mundo da época. Nicolau Copérnico escreveu o Tratado da Revolução dos Cargos Embates, lançando a teoria Heliocêntrica; Galileu, enfrentando Aristóteles, descobriu as Leis Matemáticas que explicam a queda dos corpos; Gutembergue Inventa a Imprensa; surge a Autonomia e as Três Leis do Movimento do Planeta.

Outros eventos que contribuíram para o surgimento da modernidade foram, respectivamente, a separação entre Teologia e Filosofia; também, gradualmente o Comércio que se desenvolveu, dentro das cidades e expandiu-se para outras e até para os países, e desse modo surgiu o Capitalismo, onde os produtos foram produzidos em maior quantidade. Houve também a questão da Matemática que passa a ser a escola da razão por excelência e, como toda revolução pela qual a humanidade já passou na Era Moderna foi imprescindível à idéia de um novo método, o Experimental.

A evolução Renascentista, de efervescência no âmbito cultural, da descoberta de novos mundos, da ênfase no ser humano, onde este passou a apresentar uma importância, sendo protagonista de fatos e determinando, por si

próprio, a sua vontade; revolução também na visão política, como evolução do conceito de cidadania; cabe-nos refletir sobre as contribuições de Locke e Rousseau

Sobre essa temática, não pode ser deixado de lado as contribuições de Locke, pois contribuiu de forma efetiva para a consolidação da cidadania. Seus inscritos continuam influenciando o pensamento político atual, ele direcionava seu pensamento para caracterizar a idéia de propriedade privada, pela discordância do abuso de poder e da tirania e pela preocupação com questões sociais e culturais de seu tempo. Coube a ele engendrar uma teoria que legitimasse a burguesia, uma teoria que se cultivasse a hegemonia do antigo regime. Locke fez do trabalho o argumento incontestável que legitimava a propriedade privada.

> Deus escreve Locke, é um artífice, um obreiro, arquiteto e engenheiro que fez uma obra: o mundo. Este, como obra do trabalhador divino, a ele pertence. E seu domínio e sua propriedade. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, deu-lhe o mundo para que nele reinasse e, ao expulsá-lo do Paraíso, não lhe retirou o domínio do mundo, não lhe disse que o teria com o suor do rosto. Por todos esses motivos, Deus instituiu, no momento da criação do mundo e do homem, o direito à propriedade privada como fruto legítimo do trabalho. Por isso, de origem divina, ela é um direito natural (CHAUÍ, 2000, p. 221).

Ao identificar o Estado, não como instituidor da propriedade privada e sim, como órgão que a garanta, Locke estabeleceu bases democráticas para a manutenção dessa nova ideologia, ao especificar as funções do Estado Moderno, abrindo o caminho para o debate e implantação da cidadania. O Estado, no pensamento democrático e cidadão de Locke, têm a função de árbitro nos conflitos sociais; bem como de garantir a liberdade de consciência, isto é, a liberdade de pensamento de todos os governados; só agindo contra essa liberdade quando a idéia manifestada é carregada de apelos sediciosos, esclarecendo em perigo o próprio Estado. Locke e Rousseau inovaram, através dos princípios de igualdade e liberdade, a concepção de cidadania:

> Esses pensamentos procuravam, antes de tudo, regular as relações de poder, garantindo aos cidadãos, livre atuação civil, econômica e política. Rousseau contestava o uso da força como reguladora da sociedade. Esta, segundo seu entendimento, devia reger-se pela consciência múltipla dos direitos e deveres dos cidadãos, os quais atuariam diretamente sobre si mesmos, no sentido de proporcionar a liberdade plena cidadania (CARVALHO, 2002, p. 69).

Pode-se contextualizar o pensamento de Rousseau dentro do movimento iluminista. Segundo Vasconcelos (2010) o Iluminismo contrapõem à visão de mundo medieval que consistia no apego ao Teocentrismo carregado de obscuridade e superstições. Por essas razões o iluminismo surge sintetizando tradições filosóficas, correntes intelectuais e atividades religiosas. Esses fatores eram unânimes em afirmar que as "luzes da razão iriam prevalecer sobre as trevas da ignorância", previam o mundo melhor através da ação humana. O conhecimento alavancaria o engajamento político e social.

> Rousseau escreveu diferentes obras, ressaltando-se o Contrato Social, na qual expõe a idéia de que o rei deveria governar de acordo com a vontade do povo, pois deveria pensar no bem comum. O Estado, dessa forma, atenderia a todos, que teriam os mesmos direitos (Vasconcelos, 2010, p. 139).

O ponto de partida para a colocação do problema está no entendimento de aqueles dois pólos excludentes em verdade se pressupõem, que um só é por meio do outro. Quanto ao mais, apresentam o mesmo fundo comum, qual seja, a descoberta ou o processo que fez presente a natureza. E é justamente na intimidade dessa presença que rebenta a contradição. Descartes torna possível Rousseau, Rousseau é como que exigido pelo cometimento cartesiano: as duas posturas se inventam reciprocamente e nisso reside a necessidade do problema.

Nessa necessidade é que estamos hoje todos instalados, antes de qualquer tomada de consciência, antes de qualquer tipo de opção. Se o racismo — apenas para aventar um exemplo — resultasse meramente de uma opção, ele sequer existiria; o racismo está entravado em uma disposição anterior, e é essa a disposição que deve ser discutida ou enfrentada (MOSCA, 1983).

Assim também, a profunda contradição em que se debate o nosso relacionamento com a natureza insere-se num nível prévio a qualquer opção. Sem dúvida, a partir daí a opção se faz possível, ainda que a contradição em si pareça incontornável, por constituir o dado primeiro que no caso não pode ser elidido a não ser à custa da desfiguração do problema.

Em princípio, tudo pode agora ser equacionado em termos de uma linguagem-cálculo, e tudo se passa como se as coisas e a linguagem devessem abdicar de seu avesso, de seu fundo de mistério, da dimensão de imponderabilidade que impediria, quiçá, sua subjugação pelos estatutos da subjetividade do sujeito

cartesiano. Instauram-se, por esses caminhos, os fundamentos metafísicos que irão possibilitar, em nosso tempo, o objeto-vitrine (e a própria vitrine): o objeto deve esgotar-se em seu ser-visto, deve apresentar-se de tal maneira que ao primeiro lance do olhar se o domine em sua completude (MOSCA, 1983).

Já não se busca o conhecimento de qualquer coisa como a confusa imensidão das águas do mar, mas formalismo de um cálculo que reduz a composição da água a uma equação química de precisão matemática; que essa água nem mesmo exista, não interessa, pois é por esse caminho abstrato que se torna possível dominar as águas em todos os seus níveis e tudo pôr à disposição do homem — o cálculo só respeita a perfectibilidade de seu próprio processo. A teoria, como ensina a Escola de Frankfurt, torna-se operacional, e dá razão à tese de Heidegger, de que a técnica é a essência da ciência moderna.

Assim, a teoria deixa de ser um ver concentrado que busca a sua medida na alteridade, para tornar-se um processo-cálculo por meio do qual tudo é disposto em função do homem. Sob tal ponto de vista, a tese idealista de que a razão humana constrói ou cria o objeto termina endossando o elogio do *Homo faber* e se constitui como a própria essência da tecnologia, o seu desiderato conclusivo: por meio de elementos últimos totalmente manipuláveis, o homem poderia até mesmo criar a sua própria imagem. Autores já analisaram a dimensão fáustica da tecnologia: digamos que a vontade de poder terminaria na coincidência do domínio e da criação.

Com isso, Rousseau elabora a primeira grande crítica ao racionalismo operacionalista, contrapondo com ênfase o elogio do homem-natureza ao que chama de homem-máquina. A razão estabelece o reino das convenções em que não há mais lugar para os sentimentos autênticos. Rousseau generaliza e fala simplesmente em civilização, mas o que ele açoita de fato é o império cartesiano.

Entretanto, contra o império, que só fazia crescer, onde refugiar-se? A resposta, sobretudo se pensar em crítica ao racionalismo, deixa tudo a desejar: tudo dependeria do sentimento interior, que é sinônimo, para Rousseau, de sentimento da natureza. Em face dos sucessos da razão, as posições de Rousseau terminam soando de modo até mesmo nostálgico, o que não o impede de ter sido o desbravador de um caminho.

Outra contribuição de Rousseau foi a consolidação da cidadania, onde seu pensamento era de que "por meio da vontade de todos, ou seja, da vontade

geral, da democracia, se torna possível à soberania das leis sobre todo o povo" (VASCONCELOS, 2010). Podemos conferir da obra de Rousseau, sobretudo em seu discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens, mesmo de forma embrionária, a idealização de uma plena cidadania, sobretudo quando eleva ao máximo a ética de valores da vida natural.

Rousseau possui como modelo a democracia direta dos atenienses, mesmo enxergando algumas limitações, no instante em que a sociedade era repartida entre cidadão e escravo. Por isso Rousseau reconhecia o caráter utópico de sua teoria, onde a democracia que de fato não existe, nunca existiu e talvez nunca existirá; também essa condição natural, a que devemos aspirar, não existe, nunca existiu e nunca vai existi.

1.2 INDIVÍDUO NA SOCIEDADE, CONTRATO SOCIAL E A MORAL SEGUNDO ROUSSEAU

Rousseau tinha por um de seus pontos centrais o estabelecimento de uma vontade geral, respeitando a autonomia das pessoas sem, entretanto, retirar as qualidades humanas originais dos homens. Assim sendo, "o homem, voltado para a sua própria conservação, é capaz de considerar a espécie em geral, impondo-se deveres que o levam a sair de si mesmo, uma vez que não percebe diretamente sua ligação com a espécie" (ROUSSEAU, 1999c).

Tais deveres fazem parte da origem da própria conservação e, no instante certo, são manifestadas por ações exteriores a si mesmo. Com isso, o homem passa ser uma fração do todo, no entanto, a questão está necessariamente na problematização das relações sociais e, em especial, nos fatos relacionados ao cumprimento do contrato social é que a questão da socialização é apresentada de maneira mal direcionada.

Para Rousseau, as pessoas que lutam pela manutenção de uma sociedade fundamentada na igualdade de oportunidades e liberdades não recebem a devida valorização. Um importante passo para as pessoas é a garantia de sua participação política na sociedade. Devendo, primeiramente, criar a luta contra as diferenças, porque "a sociedade política deve nascer como uma negação das desigualdades, responsável pelos problemas da vida social" (VIEIRA, 1997, p. 95).

Com isso, no *Contrato Social,* o que Rousseau quis especificar não foi ao retorno da natureza originária, mas, que fosse construído um modelo social, onde os instintos e impulsos passionais, bem como, a pura razão contraposta aos sentimentos, não definem a ordem existente. Passando a existir uma consciência global nos indivíduos abertos para essa comunidade, possuindo uma individualidade preservada a partir do instante em que a vontade geral se consolida. É a lógica da realização do indivíduo na realização dos projetos coletivos.

No tocante a moral, para Rousseau o fundamental é que esta não pode desconsiderar a função das paixões em prejuízo de um racionalismo crescente. Por isso, segundo Rousseau (1999b, p. 273) as "nossas paixões são o principal fator que mantém nossa conservação; assim sendo, é uma tentativa em vão quanto ridícula querer destruí-las". Isso se dá porque nossas paixões naturais são deveras limitadas, fazendo parte da nossa liberdade, tendendo a nos conservar. Por isso, há um equivoco em acreditar que as paixões levam a atitudes violentas e agressivas na conservação.

Ressalta-se que o instituto de sobrevivência não tem como os indivíduos abandonarem, por ser este o princípio primeiro que rege a conduta humana. Com isso, "sem os instintos e as paixões, a razão torna-se estéril e acadêmica, ao passo que, sem a disciplina da razão, as paixões e os instintos levam ao caos individual e à anarquia social" (REALE; ANTISERI, 1990, p. 756).

Assim, o instinto de sobrevivência deve ficar em conformidade com a razão, pois esta é o guia das ações humanas e, principalmente, é um fator que norteia as condutas sociais por meio da moral instituída. Quando se separa a razão, sentimentos, emoções e instinto, normalmente no senso comum, há um distanciamento maior da compreensão da natureza humana, contudo, as condições humanas passam por constantes alterações ao longo da história e, por isso, houve novas formas de "conciliar" a relação entre tais concepções depois contribuições de Freud e da neurociência (DAMÁSIO, 2000). O certo é que a razão do indivíduo ou razão social interagem e são transformadas continuamente.

Sobre a discussão de Rousseau da necessidade de a razão ser guiar as ações sociais, para esse autor, depois de assegurar que a "condenação" primeira do homem estava posta, questiona sobre a hipótese de que o homem natural, biologicamente sadio, íntegro, justo e ausente de maldade e opressão original, não consegue retornar mais a essa condição primeira.

Dessa maneira, é fundamental que exista uma razão construída socialmente para que regule os desequilíbrios sociais, evitando que haja uma desordem social. Essa necessidade existe pela consciência que surge depois do afastamento do estado de natureza, sendo apresentada como consciência degenerada ,que, ocasionalmente, corrompe a natureza humana.

Assim, a bondade original decorre do fato de que o homem necessariamente bom possuía poucas necessidades. Sendo essa bondade original modificada pela criação de novas necessidades que, por conseguinte, induzem a novas relações sociais, onde diversas delas estão embasadas na competição e na exploração entre as pessoas. Nesse sentido, segundo Rousseau (1999b, p. 275):

> o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião. A partir desse princípio, é fácil ver como podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens.

Destaca-se que uma importante característica da sociedade contemporânea é a maneira como as paixões passaram a ser instrumentalizadas, caracterizando a existência de uma certa economia das paixões, dos sentimentos e dos afetos. Contudo, as trocas afetivas passaram a ser direcionadas para satisfações individuais, onde o focar a pessoa provoca ressaltante perda social, pelo fato de que ao atenderem às necessidades individuais, pormenoriza ou menospreza as questões do coletivo.

Havendo assim uma intensificação das necessidades que atendem aos interesses particulares. Nesse sentido, é que Rousseau assevera a necessidade da existência de um uso das paixões, pois "o sumário de toda a sabedoria humana quanto ao uso das paixões: 1. Sentir as verdadeiras relações do homem, tanto na espécie quanto no indivíduo; 2. Ordenar todas as afecções da alma conforme essas relações" (ROUSSEAU, 1999b, p. 284).

Assim, a razão é fundamental para que se compreenda as paixões, contudo, possui função primordial de direcionar as paixões humanas para o esclarecimento do indivíduo e do coletivo. A ocorrência da mudança da ordem do indivíduo para a do coletivo é fundamental para que haja uma consolidação de uma sociedade menos injusta ou excludente, pelo fato de que enquanto a sensibilidade do indivíduo continua limitada a seu indivíduo, não há nada de moral em suas ações.

IC - UFPI - Biblioteca
13080 09/10/19

Apenas quando a razão passa a se estender para além do indivíduo, é que ocorre a aquisição inicial dos sentimentos, depois haverá noções do bem e do mal, possibilitando a constituição verdadeira do homem como parte integrante de sua espécie (ROUSSEAU, 1999b).

A união dos indivíduos, segundo Rousseau decorre da fraqueza humana, onde as precisões crescentes e transformadas estabelecem novas ordens sociais, pelo fato de que para que sejam atendidas tais condições são necessários novos esforços e novas relações sociais. O homem civil possui a sua condição permeada de características que modificaram o homem natural, por isso, Rousseau acredita que os indivíduos se tornam sociáveis devido as suas fraquezas e seus corações humanos fundados das misérias comuns compartilhadas (ROUSSEAU, 1999b).

Por isso, para que seja percebida essa condição é necessário que a razão a analise sem negar a dimensão dos instintos e das paixões, tornando-se sensível socialmente sem esquecer a noção da individualidade, indo além do aspecto e entendendo a essência, pelo fato de que "julgamos demais a felicidade pelas aparências; 19upomos-la onde menos ela está; procuramo-la onde não poderia estar" (ROUSSEAU, 1999b, p. 299).

Destaca-se que é fundamental para o auto-conhecimento a experiência do outro, assim como a compreensão das relações sociais, pois não "há conhecimento moral que não possamos adquirir pela experiência de outra pessoa ou pela nossa própria. No caso em que essa experiência é perigosa, em vez de nós mesmos a realizarmos, tiramos a sua lição da história" (ROUSSEAU, 1999b, p. 328).

Diante disso, a história possui um grande papel na constituição da sociedade e da consciência dos indivíduos. A questão é entender se tal história foi escrita pela maioria ou apenas pela minoria que mantém o poder das instâncias determinantes. O que se percebe é que a segunda opção é a mais recorrente, contudo, segundo pensamentos de Sartre (1997) há um diferenciamento, pois a omissão pode ser considerada como forma de escolha e, por conseguinte, de liberdade.

Entender de que maneira direcionar os esforços para a criação de uma sociedade que modifique seus valores morais de maneira que consiga manter o amor à humanidade é uma das tarefas que exige grande engajamento. Exigindo que as virtudes sejam mantidas, pois só "o exercício das virtudes sociais leva ao fundo

dos corações o amor da humanidade; é fazendo o bem que nos tornamos bons; não conheço outra prática mais segura" (ROUSSEAU, 1999b, p. 331).

Diante desse aspecto, a ação é uma importante questão para a transformação da realidade, no entanto, as ações devem manter um sentido do que poderá ser considerado bom. Somente com o conjunto das pessoas dotadas de consciência libertada possuem a capacidade de definirem o que pode ser benéfico ou não para a sociedade.

Para que esse fator ocorra, Rousseau esclarece que o indivíduo "não começa facilmente a pensar; mas, assim que começa, não para mais. Quem já pensou, pensará sempre, e, uma vez exercitado na reflexão, o entendimento não poderá mais permanecer em repouso" (ROUSSEAU, 1999b, p. 339). Assim, o indivíduo está condenado, dessa maneira, a pensar e, para que possa retirar proveito disso, é necessário que entenda a realidade sob diferentes aspectos. A dificuldade do conhecimento ou sua deficiência possibilita a limitação da compreensão da totalidade. Onde tal condenação se restringe ao fato que a única coisa que não sabemos é ignorar o que não podemos saber.

Devendo os indivíduos estarem estimulados para uma busca do conhecimento e de sua democratização, mesmo que em superficial projeto imaginário. Não existindo socialização sem que haja o conhecimento das condições essenciais da natureza humana.

Segundo Rousseau (1999b, p. 378) é fundamental o papel da liberdade, pois:

> Não há verdadeira vontade sem liberdade. O homem, portanto, é livre em suas ações e, como tal, animado de sua substância imaterial: este é o meu terceiro artigo de fé. As formas de fuga das determinações só se efetivam por meio da liberdade inerente aos seres humanos. Essa liberdade está focada na prevalência da razão sobre os instintos.

Seguindo esse entendimento, é fundamental que os deveres morais guiem as pessoas para as ações de bondade, impedindo a subsunção dos sujeitos a determinações de deveres e regras que possuem características de escravidão social. Essa lógica de modificação da realidade é uma constante no pensamento de Rousseau (1999b, p. 460):

> Os deveres morais têm suas modificações, suas exceções, suas regras. Quando a fraqueza humana torna inevitável uma alternativa, dos dois males escolhamos o menor; em qualquer ocasião, mais vale cometer um erro do que contrariar um vício.

A decisão, fator que corrobora a autonomia dos indivíduos, deve ser guiada necessariamente para o sentido da menor perda para a sociedade. A presença do erro é essencial, pois o entendimento do que é certo e errado está dependente, infalivelmente, a concepções morais vigentes.

Com isso, é possível dizer que onde tudo está bem, não existe injustiça, pois a justiça não se separa da bondade, pelo fato da bondade ser o efeito fundamental para uma potência sem limite e do amor de si, essencial a todo ser que sente.

2 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – ELUCIDAÇÕES CONCEITUAIS E ARTICULAÇÕES

2.1 BREVES COMENTÁRIOS SOBRE FILOSOFIA

Na história do pensamento que vem sendo construído pela humanidade ao longo do tempo, diversos foram os pensadores e pesquisadores que conceituaram a Filosofia. Pode-se destacar que a palavra Filosofia é formada por duas palavras de origem grega que traduzidas significa "amor ou amizade pela sabedoria". A filosofia exprime os problemas e as questões que os homens colocam para si mesmos diante do que é novo. Em sua longa história de busca do conhecimento, essa ciência ampliou seu campo de investigação de onde surgiram outras disciplinas (FREITAS, 1985).

Depois de passar por períodos importantes da história, a filosofia sofreu mudanças, mas manteve sua essência investigadora, neste percurso deu asas a outras ciências que se firmaram pelos seus diferentes procedimentos de pesquisas. Mas cada ciência ao se desligar levou consigo os conhecimentos práticos ou aplicados do seu campo de investigação, em contrapartida outros campos de conhecimento e de ação abriram-se para a filosofia, trazendo a multiplicidade de seus impasses e questionamentos (COTRIM, 2013).

Sendo a filosofia a ciência do conhecimento é necessário ou natural que faça parte da formação do educador, que profissionalmente devem ser pesquisadores, investigativos de saberes diversificados bem como introdutor de suas descobertas e conhecimentos à outros.

Os séculos XVIII e XIX podem ser chamados de séculos da Pedagogia, pois nestes dois séculos surgiram filósofos – educadores como Rousseau, Pestalozzi e Herbart. Este último desvincula saber sobre a educação da filosofia e transforma a educação em saber científico, como conhecimento metódico, sistemático e unificado, é sem dúvida o argumento de Herbart que dá um importante passo na cimentação técnica da pedagogia quando, a inclui sobre dois pilares: a Ética e a Psicologia; entendidas filosoficamente como segmentos fundamentais no processo de formação humana (CHAUÍ, 2000).

Ressalta-se que a filosofia é uma ciência com a qual ou sem a qual o mundo continua tal e qual. Por isso, a filosofia é entendida como um corpo de conhecimento, formado a partir de esforços que as pessoas vem realizando para compreender o seu mundo e proporcionar um sentido a este mundo, ou melhor, um significado compreensivo. Na filosofia, o corpo de conhecimentos é um conjunto coerente e organizado de entendimentos sobre a realidade. Conhecimentos estes que expressam o entendimento que se tem do mundo, a partir de desejos, anseios e aspirações.

Por isso, a filosofia é a expressão do entendimento, quando as pessoas se apropriam dele, buscando uma reflexão sobre a cotidianidade dos indivíduos. Sua manifestação ao ser humano é realizada através de uma maneira de entender, que propicia a compreensão da sua existência, em termos de significado, como lhe oferece um direcionamento para a sua ação, um rumo para seguir ou, ao menos, para lutar por ele (COTRIM, 2013).

Assim, a filosofia é um corpo de conhecimento adquirido por meio de esforços que os indivíduos realizam para poderem compreender o seu mundo, dando-lhe um sentido, uma acepção compreensiva.

No âmbito da atividade pedagógica, há de se admitir que por trabalhar o processo de formação e informação humana, o educador tem grande responsabilidade social que implicam num comportamento moral e ético dentro da prática educativa. Isto significa que o educador não pode renunciar à busca e construção de conhecimentos, com atitude crítica diante de dogmas e verdades estabelecidas (FREITAS, 1985). Na realidade o educador é um mediador que conduz o aluno para a apropriação racional da realidade, com poder de argumentação para idéias, valores e comportamentos inseridos no nosso cotidiano. Ao fazer essa condução o educador instiga o educando a desenvolver o pensamento crítico.

Em nossa cultura é comum considerar que alguma coisa só deve existir se tiver uma finalidade prática e imediata e como para o senso-comum a filosofia não serve para nada, não é valorizada, pois a maioria das pessoas não conseguem entender que são as questões filosóficas que desenvolvem procedimentos corretos para bem usar o pensamento. Então a Educação e a Filosofia devem utilizar-se uma da outra à favor de educadores e educandos, com a finalidade de produzir um

trabalho conjuntos de modo que formem conjuntos de idéias e significações (CHAUÍ, 2000).

O filosofo Sócrates, considerado o patrono da filosofia, desenvolveu dois momentos essenciais a "refutação" e a "maiêutica". A ironia socrática tinha como objetivo inicial levar o discípulo a tomar consciência da própria ignorância, daí a celebre frase "só sei que nada sei". Sócrates evitava que seu discípulo deixasse de buscar demais, levava-os a reflexões repletas de mais indagações.

Segundo Freitas (1985, p. 32) "conhece-te a ti mesmo" é a recomendação que Sócrates instigava seus discípulos a libertarem-se do orgulho do saber e iniciavam o caminho da reconstrução de seus saberes onde eles concebiam suas próprias idéias.

Essa concepção de idéias, dentro do dialogo socrático é conhecido como maiêutica, termo grego que significa "arte de trazer à luz", conhecendo um pouco do método socrático, tomo aqui a liberdade de estabelecer uma relação entre a maiêutica e a atual proposta pedagógica, o construtivismo, que orienta o educador no sentido de valorizar o conhecimento adquirido pelo educando fora do contexto escolar, e sistematizar esse conhecimento de modo que ele construa e aprimore seu saber (COTRIM, 2013). Nesse espaço os educadores aparecem como os sofistas vendendo nossos conhecimentos no intuito de formar bons cidadãos. Somos pessoas remuneradas bem ou mal para transmitir cultura.

Os sofistas eram mestres em oratória e retórica, e ensinavam a arte de persuasão, mas eram duramente criticados por Sócrates, por que ensinavam por dinheiro. Na atualidade somos criticados por não valorizar nossa profissão, nas instituições responsáveis pelo ensino.

Convém ressaltar que nenhuma pessoa vive o dia-a-dia sem um sentido, precisa dele para trabalho, amor, amizade, relações com as pessoas, ciência, educação para a política, dentre outros. Por isso, a filosofia é manifestada nas pessoas como uma maneira de entender que possibilita a compreensão de sua existência, em termos de significado. Possui a característica de traduzir o sentir, o pensar e o agir do homem. Contudo, o indivíduo não se alimenta apenas da filosofia, mas sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia (COTRIM, 2013).

Com isso, o Filósofo é aquela pessoa que discerne em conceitos e em linguagem apropriadas a experiência do ser, seus conceitos e linguagens não fazem parte da margem do ser vivido. Destaca-se que a filosofia vazada na linguagem

conceitual é necessariamente solitária com a vida, com a existência, por marcar o desejo, a ânsia que o homem tem de elucidar sua circunstância existencial.

Não podemos encerrar estas considerações iniciais sobre a filosofia sem mencionar o fato de que, por vezes, o pensamento filosófico estabelecido serve aos interesses dom poder dominante. Por exemplo, o pensamento filosófico- político que Aristóteles expõe no seu livro político nada mais é do que a expressão dos anseios do segmento dominante da sociedade de Atenas e assim muitos outros.

Dessa maneira, a Filosofia é um corpo de inteligência que compreende e direciona a existência das pessoas em suas mais diversas dimensões. É nesse sentido que Georges Politzer demonstra quando define a Filosofia "como uma concepção geral do mundo da qual decorre uma forma de agir".

2.2 PROCESSO DE FILOSOFAR

Para entender o processo de filosofar, primeiramente, deve-se saber o que é o filosofar, além de não ser inútil, não é uma tarefa muito complicada, como se fosse algo que só pessoas ultra-especializada poderiam realizar. Assim, para se dedicar a esta atividade que convém ressaltar sobre o método do filosofar, a fim de que todos nós passemos a praticá-lo cotidianamente.

Para Leôncio Basbaum (apud LUCKESI, 1994, p. 123) "a filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana e a sua mais alta expressão".

Os indivíduos possuem cada um, uma forma de compreender o mundo, sendo especialistas ou não, possuindo escolaridade ou não, analfabetos e alfabetizados. Este é um fundamento comum e natural do ser humano, pelo fato de que ninguém pode agir no "escuro", sem ter noção de saber para onde vai e por que vai. Só se pode agir a partir de um esclarecimento do mundo e da realidade.

Segundo Arcângelo Buzzi (apud LUCKESI, 1994, p. 125) o "consciente ou inconscientemente, explicita ou implicitamente, quem vive possui uma filosofia de vida, uma concepção do mundo".

Filosofo é, então, aquele que diz em conceitos e em linguagem apropriados a experiência do ser. Todos tem uma "filosofia de vida", ele quer dizer que todas as pessoas são orientadas por valores. Contudo, esses valores nem

sempre estão conscientes ou explícitos. O que importa ter claro, por ora, é o fato de que a filosofia nos envolve, não temos como fugir dela.

Assim, a filosofia é manifestada como o corpo de entendimento que inventa o ideário que faz parte da vida humana. Tal corpo possibilita a compreensão da existência. Em resumo, não é tão-somente uma interpretação do já foi vivido ou daquilo que está objetivando, mas, compreende também a interpretação de aspirações e desejos do que está por vir, do que está para chegar (LUCKESI, 1994).

Neste sentido, possui a filosofia uma força, que é a sustentação de uma maneira de agir. Possui também uma força de luta pela vida e pela emancipação humana. Não constituindo somente um instrumento para a compreensão do mundo e explicação dos seus fenômenos. Isso é tão real, que a filosofia vem gerando, ao longo da história humana, atitudes contraditórias e paradoxais, ou seja, não há como negar a filosofia sem fazer filosofia.

Pelo exposto, a filosofia é uma maneira de conhecer, através da interpretação do mundo, criando uma compreensão coerente e sistêmica que proporciona uma forma de ação efetiva. O pensamento filosófico formado não é limpo, neutro, mas sim, repleto de histórias e de seus problemas, de seus interesses e aspirações.

Para Luckesi (1994) quando não há um corpo filosófico que demonstre sentido e oriente a vida dos indivíduos, é assumido o que é comum e hegemônico na sociedade, abstraindo o senso comum, que é adquirido pelo conjunto de valores assimilados espontaneamente, na vivencia cotidiana.

O filosofar é um corpo de conhecimentos que proporcionar significados ao mundo e a existência. O que é importante é saber como se constitui a filosofia, como é formado esse corpo de entendimentos, que pode ser criado criticamente como aquele que se quer para o direcionamento das experiências.

Para dar início ao exercício de filosofar, o que deve ser feito é admitir que se vive e vivencia valores, devendo compreender quais são eles. Assim, o primeiro passo do filosofar é inventariar os valores que explicam e orientam a nossa vida.

Realizado esse inventário, que necessariamente não será completo, possuindo uma abrangência como todos os setores da vida, passa-se para o segundo momento, que é o da crítica. Pois, deve-se entender os valores e submetê-los a uma crítica exagerada, questionando estes por todos os lados possíveis para entender se são significativos e se, de fato, fazem parte do sentido que se quer dar à

existência. O criticar é uma maneira de adentrar nesses valores, descobrindo-lhes sua essência (LUCKESI, 1994).

No entanto, nenhuma pessoa pode viver unicamente da negação. Então, deve ser realizado um terceiro momento do filosofar, que é a construção crítica dos valores, possibilitando a compreensão e orientação das vidas individuais e dentro da sociedade.

Com isso, são três passos para o processo de filosofar, o primeiro é inventariar os valores vigentes, depois criticá-los e reconstruí-los. Todos esses processos podem ser compreendidos como dialéticos que vai de uma determinada posição para o seu entendimento teórico-prático.

O filosofar é dessa maneira, inventariando conceitos e valores, examinando e criticando esses valores, analisando e reconstruindo conceitos e valores. Para que esse filosofar exista, é necessário não olhar apenas o dia-a-dia, mas ler e estudar o que disseram os outros pensadores, os outros filósofos.

Assim, o processo de filosofar é um empenho de inventário, crítica e reconstrução de conceitos, ajudados pelos pensadores que existiram no passado. Eles deram uma contribuição bastante significativa, auxiliando no trabalho de construir o entendimento filosófico do mundo e da ação.

2.3 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

A educação nas sociedades não é manifestada como um fim em si mesma, mas sim, como uma maneira de sustentação ou transformação social. Deste modo, a educação precisa de pressupostos de conceitos que baseiam e norteiam os seus caminhos. A sociedade da maneira como está, deve ter determinados valores norteadores de sua prática.

No tocante a relação da Filosofia com a Educação, estas parecem ser quase naturais. Pois, quando a educação direciona-se para o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações dentro da sociedade, a filosofia busca refletir sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade (LUCKESI, 1994).

A educação é um exercício humano direcionado por uma definida concepção teórica. A prática pedagógica articula-se com a pedagogia, que é tão

somente uma concepção filosófica da educação. Esta concepção coordena os elementos que direcionam a prática educacional.

Ressalta-se que os primeiros filósofos do Ocidente, em regra, se preocuparam com o aspecto educacional. Conhecidos como filósofos pré-socráticos, os sofistas, tais como Sócrates e Platão foram os interpretaram as pretensões de seus relativos tempos e apresentaram-se sempre como educadores. Segundo Aranha (1989, p. 43):

> Sócrates foi um indivíduo que morreu em desempenho do seu ideal de educar os jovens e constituir uma moralização do local grego ateniense. Platão foi o que almejou dar ao filosofo a qualificação de rei, para que este tivesse a possibilidade de imprimir na juventude as idéias do bem, da justiça, da honestidade.

Assim, a Filosofia e a Educação são dois fenômenos que fazem parte das sociedades, pelo fato da Filosofia fornecer à educação um pensamento sobre a sociedade onde esta está situada, sobre o educando, o educador e para onde esses elementos podem caminhar.

As relações entre Filosofia e Educação possuem necessariamente duas opções, ou se reflete e se entende sobre o que se faz, realizando assim uma ação consciente de educação, ou não se reflete criticamente executando uma ação pedagógica com caráter de obscuridade existente na cultura vivida do dia-a-dia.

A ação pedagógica dos povos devem refletir filosoficamente sobre o educando, quem é, o que deve se tornar, qual o seu papel no mundo; já o educador, quem é, seu papel na sociedade; e a sociedade deve ser estudada sobre o que é, o que pretende, qual a sua ação pedagógica (LUCKESI, 1994).

Essa interpretação do mundo ocorre inconscientemente nas pessoas, pelo fato da adaptação existente entre os indivíduos, que permanece como a única entre as pessoas, realizando uma busca do filosofar sobre ela, questionando-a, buscando lhe novos sentidos e novas interpretações em conformidade com novos anseios que possam ser detectados no seio da vida humana.

A pedagogia recebe a reflexão filosófica sobre a educação para possibilitar sua compreensão, permitindo que sejam entendidos os valores que, hoje, são direcionados para a prática educacional e quais os valores que devem dar orientação para o futuro. Com isso, não tem como existir uma proposta pedagógica

sem conjecturas (no sentido de fundamentos) e proposições filosóficas, pelo fato de que tudo o mais esta sujeito a esse direcionamento (ARANHA, 1989).

Diante disso, a reflexão filosófica sobre a educação é que dá o tom a pedagogia, garantindo-lhe a compreensão dos valores que, hoje, direcionam a prática educacional e dos valores que deverão orientá-lo para o futuro.

O fato de filosofar ser uma reflexão radical, de conjunto e rigorosa, que parte dos problemas propostos pela existência das pessoas, é inevitável que a educação faça parte desses problemas. Cabendo ao filósofo acompanhar critica e reflexivamente as ações pedagógicas, de maneira a proporcionar a passagem da educação guiada pelo senso comum para uma educação voltada para a consciência filosófica (ARANHA, 1989). Segundo Aranha (1989, p. 43):

> A fundamentação teórica é necessária para que seja superado o espontaneísmo, permitindo que a ação seja mais coerente e eficaz. Aliás, é bom lembrar que o conceito de teoria não se separa do conceito de prática, que é o seu fundamento. Isto significa que a teoria não deve estar desligada da realidade, mas deve partir do contexto social, econômico e político de onde vai atuar.

Dessa maneira é possível que seja definido os objetivos e valores que orientam a ação, pelo fato de não poder teorizar sobre a educação em si, sobre o homem em si, o valor em si. Analisando o contexto vivido, poderá o filósofo questionar sobre o que o homem quer se formar, quais são os seus principais valores que se contrapõem aos outros valores decadentes.

3 CONTRIBUIÇÕES DE ROUSSEAU À FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Refletindo sobre o pensamento de Rousseau, é possível depreender diversas categorias analíticas, advindas das reflexões realizadas de algumas passagens de suas obras, que, não anseiam ser definitivas ou expostas como verdades absolutas. São categorias oferecidas como princípios, que buscam sistematizar algumas reflexões possíveis de serem feitas nos horizontes da educação.

Essas reflexões estão estabelecidas no questionamento de concepções políticas, fundamentadas na consolidação moral atual, que faz parte da construção de uma educação direcionada para a emancipação e para a igualdade social. Decorre de uma reflexão a categoria: princípio da vontade geral ou da democracia: é a participação efetiva dos indivíduos no projeto social maior (VIEIRA, 1997).

Atualmente, há uma prevalência dos interesses coletivos, sendo estes garantidos de maneira a proporcionar uma ordem social, agrupando e realizando os projetos individuais através do seu projeto e proporcionando a transição da centralidade dos interesses individuais e particulares para o do coletivo. O princípio da individualidade pode ser definido como o respeito à identificação individual e das diferenças dos seres humanos como únicos, está necessariamente ligado ao processo de identificação pela piedade natural, é através de seu exercício, que há a efetivação da passagem do amor de si para o amor-próprio (VIEIRA, 1997).

A concretização da identidade coletiva não detalha, diminui o instinto e os sentimentos fundamentais para a preservação da condição humana. O princípio da crítica à razão vigente busca questionar os fundamentos necessários e constantes que buscam impedir uma única maneira de conceber a realidade. Busca o fim da aceitação e dos dogmas, da passividade dos indivíduos em conformidade com as imposições morais e racionalizadas do mundo. Basicamente é o não conformismo das instâncias de poder instauradas, que engessam as relações de poder (ROUSSEAU, 1999a).

A constituição da dialética na modificação da maneira de garantir a prevalência da razão em relação aos instintos. Assim, o princípio da igualdade e da supressão da opressão busca recusar a origem das desigualdades sociais, questionando o domínio de poucos sobre a vontade geral, recusa ainda qualquer

maneira de violência, assim como a constante constituição da participação social na divisão dos ganhos materiais e sociais (ROUSSEAU, 1999a).

O princípio da justiça e da liberdade busca a concretização da justiça social e reprova qualquer maneira de banalizar essa justiça. Busca ainda evitar o pensamento totalitário e dogmático, concretizando os interesses gerais e de regras que possibilitam o pacto social, solidificando os interesses coletivos. Esse princípio possibilita a garantia da liberdade embasada no que é de direito, separando todas as formas de autoritarismo (ROUSSEAU, 1999a).

Diante disso, esses princípios apresentados podem auxiliar na busca do questionamento moral e político da sociedade, consolidando seus pressupostos de igualdade entre as pessoas. Assim, para Reale, Antiseri (1990, p. 772)

> educar para as exigências do novo pacto social é empresa árdua, que exige coragem e força. Com efeito, não se trata de abandonar o homem à voz dos instintos, mas sim de educá-lo para que se deixe subjugar à voz superior da razão.

Dessa maneira, as atitudes dos homens devem ser realizadas no sentido de possibilitar que a razão prevaleça sobre os instintos e as paixões, evitando que as desigualdades proporcionem instantes de barbárie e de vulgarização de princípios fundamentais para transformar mais humanas as condições de indivíduos condenados a se utilizarem da crítica-reflexiva para afirmar suas condições morais e, conseqüentemente, políticas.

3.1 FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: COMPREENSÃO DE ROUSSEAU

No campo da educação, Rousseau manteve um posicionamento diferente e contrário ao da aristocracia, que tinha por principal característica a educação livresca, intelectualista e artificial. Esse tipo de educação preparava os discentes para imitar os adultos, lidando com boas maneiras e conversação, abandonando as necessidades capazes de desenvolver as pessoas para a vida. Rousseau entende que a educação não deveria estar voltada para criar homem polido, letrado e de boas maneiras, mas, necessariamente educar para que se tornasse humano, desenvolvendo as leis morais e as potencialidades dentro de si, apreciando que:

> viver é o oficio que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar. (ROUSSEAU, 1995, p.15).

Rousseau ainda modificou a forma como compreender o desenvolvimento moral da criança e, portanto, o ser humano. Na forma de desenvolvimento moral, o reconhecimento dos sentimentos deve ser utilizado, pois o entender a consciência moral na infância não ocorre pela razão, que é um desenvolvimento demorado, mas é oriundo das impressões advindas do meio e pelas reações afetivas a essas impressões.

Com isso, a educação moral adequada não significava estabelecer regras que devem ser respeitadas dentro da racionalidade, mas para que desperte percepções morais positivas que levem à concepção de uma consciência moral autônoma.

Rousseau esclarece ainda a existência de outros elementos fundamentais para o pensamento, tais como: otimismo em relação ao ser humano e a criança; compreensão das necessidades instintivas das crianças e dos mecanismos livres de crescimento; educação voltada para o aprendizado da criança por meio da observação e não somente do escutar; precisão de uma relação continua com um ambiente natural e não urbano; educação voltada para a autonomia, onde o diálogo e a liberdade possuem papel fundamental para o desenvolvimento infantil; capacidade de seguir o ritmo de desenvolvimento da criança; e educação deve desenvolver os indivíduos de maneira integral, com características emocionais, morais, intelectuais, políticas, religiosas, etc (ROUSSEAU, 1995).

O pensamento sobre a educação de Rousseau tinha por conjeturas básicas o entendimento na bondade natural do homem, atribuindo à civilização a culpabilidade pelo surgimento do mal.

Devendo a educação direcionar as pessoas para agirem interesses naturais e não apenas por obrigações exteriores artificiais, pois só por essa maneira o homem teria a capacidade de ser dono de si próprio.

Outra característica da educação natural é a não aceitação da intelectualização da educação, pelo estudo formal e livresco. Entende Rousseau que as pessoas não são constituídas somente pelo intelecto, mas pelas dimensões

primitivas, como os instintos, sentidos e emoções, além dos sentimentos existentes do pensamento criado por dimensões que merecem confiança.

3.2 A PEDAGOGIA DE ROUSSEAU

A idéia de educação de Rousseau foi contraposta com a existente, entendendo que a teoria e a prática educacional em relação à criança deviam ser direcionadas para os interesses do adulto e da vida adulta. Entendendo também a importância das necessidades da criança e as condições de seu desenvolvimento.

Pelo pensamento de Rousseau, a criança não podia ser mais compreendida como uma miniatura de adulto. Assim, sendo a criança era um ser que possui particularidades próprias, não apenas os seus interesses e idéias deviam ser diferentes dos adultos; também a maneira de se relacionar rígida que os adultos tinham com as crianças deveria ser alterado.

Seus pensamentos desmentiram a idéia de que a educação é um processo onde a criança alcança hábitos, conhecimentos e atitudes que estão guardados na civilização, sem qualquer transformação. Entende Rousseau que cada fase de vida: infância, adolescência, juventude e maturidade possuem características próprias, dentro da individualidade de cada pessoa. Frederick Eby (1972, p. 33) explanou sobre as idéias de Rousseau dessa maneira:

> A bondade e a felicidade do indivíduo são mais essenciais que o desenvolvimento de seu talento. Colocando as necessidades e os interesses do indivíduo acima dos da sociedade organizada, Rousseau inverteu a ordem universal. Na sociedade ideal e natural, onde a natureza conserva sua simplicidade e inocência originais, todos os indivíduos seriam educados juntos e participariam de interesses comuns.

No livro Emílio, Rousseau esclarece que o adulto, conhecendo os sentimentos, pensamentos e interesses das crianças, não poderia estabelecer os seus. E mais, para que houvesse a compreensão da infância, era necessário que as pessoas olhassem a vida de maneira simples. Pois, no momento em que há harmonia no mundo físico, o mundo humano é bastante egoísta e repleto de conflitos. Entendendo Rousseau que os males sociais e a educação ofertada aos jovens possuem responsabilidade nesses conflitos.

Rousseau fez uso de inovadoras idéias com o intuito de modificar as que existiam em sua época, especialmente as da educação da criança que eram voltadas aos interesses dos adultos e da vida adulta. Introduziu uma compreensão de que a criança possui elementos próprios, não podendo ser entendida como um adulto ou por meio do pensamento de um adulto (FORTE, 1976).

Esclarece ainda Rousseau, que a sociedade com relação ao desenvolvimento do homem se modifica, sendo assim, a educação é importante para essa adaptação. Pois as pessoas não devem ser sacrificadas pelos caprichos da sociedade, possuindo assim a educação um papel de destaque.

Diante disso, mesmo as fases no desenvolvimento da vida das pessoas terem sido objeto de estudo de diversos pensadores, foi Rousseau quem direcionou esse pensamento para a educação.

Havia o entendimento de que a primeira fase, até os 5 anos, fosse uma fase animal, com o surgimento do primário sentimento de si mesmo; a partir dos 12 anos, a pessoa passa a ter consciência de si mesma, é a fase da vida em que é despertado o racional; por ser isolada, a criança não conhece ainda da vida moral. Na fase seguinte surge o sexo e a puberdade, que é compreendido por Rousseau como o fator importantíssimo para a vida das pessoas; surgindo assim a social do indivíduo, aparecendo os grandes sentimentos, evoluindo naturalmente a vida moral. Assim, possuindo cada fase da vida uma existência própria, a educação fundamental não poderia ser compreendida como uma preparação à vida (STAROBINSKI, 1991).

Assim, Rousseau contribuiu enormemente para a educação infantil. Entendendo que o método da natureza é abrangente para todas as coisas, onde não se pode moldar o espírito das crianças em conformidade com um modelo estabelecido.

Explicou ainda que a criança devia fazer, sem auxílio de outros, aquilo que ela é capaz de fazer por si mesma; desde o nascimento até os 12 anos é o momento em que surgem os vícios, onde carinhos excedidos provocam vícios.

Para Rousseau, a educação não vem de fora, é uma livre expressão da criança ao manter contato com a natureza. Criticou bastante o modelo educacional de sua época, pela rigidez da instrução e do uso excessivo da memória.

No pensamento de Rousseau, deve a criança primeiramente ter contato com brinquedos e esportes. Demonstrando que na agricultura, a criança é instruída

a utilizar a pá e os demais instrumentos de outros ofícios. Por meio dessas atividades, a criança estaria mentindo, contando, pesando e comparando. Devendo ainda fazer uso de outras tarefas, tais como o canto, linguagem, geometria e a aritmética, que devem ser desenvolvidas como atividades relacionadas com a vida.

Modificando compreensões que existiam e disseminavam a educação como um processo onde a criança adquiria seus conhecimentos, hábitos, atitudes das que tinham sido armazenadas pela civilização, sem modificações.

Diante disso, Rousseau entendia que cada fase da vida possui propriedades próprias. A sociedade e o homem são modificados, com isso, a educação é importante para a adaptação dessas transformações.

Pelo exposto, analisando o contexto da época de Rousseau, pode-se afirmar que este pensador formulou princípios educacionais que até os dias atuais são utilizados, especialmente pela compreensão de que a verdadeira finalidade da educação esta voltada para instruir a criança a aprender e viver a liberdade. Suas idéias foram fontes de embasamento para diferentes correntes pedagógicas, sobretudo as intenções não diretivas, no século XX (FORTE, 1976).

Assim, enfatiza-se que Rousseau deixou um legado incrível para a humanidade, pois sua obra e seus pensamentos são incríveis para época onde havia uma abertura do homem para novos tempos, em que um eu solitário e puro fora aberto para a alma romântica que estava nascendo.

Propondo uma revisão da contradição que existia entre o homem e o cidadão, por entender que não pode existir um homem e um cidadão, por haver nesses dois indivíduos contrapontos, que não podem ser compreendidos como opostos ou excludentes (STAROBINSKI, 1991).

No contexto filosófico geral de Rousseau, a incoerência homem/cidadão decorre da contradição vivente entre o homem e a sociedade. Pois o homem nasce adequado e a sua corrupção ocorre na sociedade. Assim sendo, o homem passa a ser mau, possuindo o objetivo de lesar o outro.

A solução de Rousseau para a formação do homem ou do cidadão, foi alcançada com o *Contrato Social* e a saída pedagógica é demonstrada no livro *Emílio*.

A perversidade existente entre as pessoas foi descrita por Rousseau no Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Nesse livro, Rousseau dividiu o desenvolvimento do homem em três estágios

distintos: 1º Estado – homem natural; 2º Estado – homem selvagem; e, 3º Estado – homem civilizado (FORTE, 1976).

O primeiro estado o homem natural, é esclarecido como um animal que passa a fazer parte da natureza e esta é bondosa com o homem, que convive isoladamente por sua vontade, independente do semelhante, mas totalmente dependente da natureza, de onde extrai o que necessita e é conduzido pelo instinto da conservação.

No tocante ao homem selvagem fruto das sociedades indígenas, possuem um interesse particular, possuindo vícios, conflitos e marcas oriundas da consciência moral, fruto que faz nascer a virtude. Já o homem civilizado possui interesses próprios fortalecidos, que conflitam com a consciência moral, sendo abafados pela oposição de interesses. Com isso, o homem passou a ser egocêntrico e individualista, sendo natural no mau sentido.

No livro Emílio a contradição homem/cidadão é demonstrada no campo dos princípios. Essa obra não busca criar uma proposta de educação, mas sim, de uma filosofia da educação com a explanação de idéias e conceitos abstratamente colocados sobre o homem em geral.

Rousseau criou um personagem fictício denominado de Emílio, para que pudesse ilustrar os princípios de seu ensaio pedagógico sob aspectos de romance. Rousseau teve a preocupação de centrar seu objetivo em formar o homem ou cidadão, diante da impossibilidade de existir os dois ao mesmo tempo, pela sua antagonia e por serem dois tipos puros, conceitualmente existentes dentro do campo dos princípios.

Esclarece Rousseau que o homem conhecido como natural é formado pela educação doméstica ou privada dentro de sua família. É um indivíduo inteiro, com absoluta existência, que se relaciona consigo e tudo é voltado para si mesmo. Um exemplo desse homem é demonstrado no livro "Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens" (STAROBINSKI, 1991).

Já o cidadão é desenvolvido por meio do projeto educacional público criado pelo Estado. Assim, o cidadão é uma parte, que existe dentro da relação em um todo, possuindo uma vivência relativa. Esse cidadão é exemplificado por Rousseau como a mãe espartana avisada que seus filhos morreram durante a guerra, e esta não se importa com o ocorrido, pois apenas se preocupa com a vitória de sua pátria, exemplo de uma cidadã verdadeira.

Pelo exposto, pode-se dizer que o homem verdadeiro não é o natural muito menos o cidadão, pelo fato da educação na sociedade não formar nenhum destes, mas cria um ser misto.

Para que haja a combinação destes dois tipos de homens, é importante que seja conhecido o homem natural, como a criança, somente assim o cidadão surgirá trazido pela natureza, e para enxergá-lo, a história individual de cada um é o caminho a seguir.

CONCLUSÃO

O pensamento filosófico dentro do contexto educacional proporciona uma avaliação dos currículos, técnicas e métodos com o intuito de julgar se estes são corretos ou não ao que é proposto pela educação. Possibilita ainda que seja buscada uma educação tecnicista, um problema que existe sempre que os meios são supervalorizados.

Assim, ao questionar sempre o que é educação, a filosofia não possibilita que a pedagogia se torne dogmática, muito menos que a educação fique adestrada ou qualquer outro tipo de pseudoeducação. A filosofia da educação é fundamental para apontar as maneiras ideológicas que são utilizadas pela educação como maneira de dominação.

Pode-se concluir que Rousseau foi o primeiro grande pensador sobre a pedagogia moderna. Buscou encontrar um equilíbrio entre razão e emoção, mesmo sendo crítico, utilizou o pensamento iluminista para realizar seus pensamentos.

Jeans Jacques Rousseau defendeu que o único fundamento legítimo para o poder político é o pacto social, pelo qual cada cidadão, como membro de um povo, concorda em submeter sua vontade particular à vontade geral, que deve ser a fonte de soberania do Estado. Defende ainda Rousseau que a integração é uma forma do cidadão isolado pertencer a sua comunidade, onde a integração deriva de todos os fatores determinantes do Estado democrático.

Rousseau é considerado como um dos mais extraordinários teóricos contratualistas, junto com Hobbes e Locke, Rousseau apreende a participação das pessoas de forma primordial na estruturação do contrato social para instituir o Estado democrático.

Ao analisar as obras do autor: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, Emílio ou da educação* e *Do contrato social*, encontramos diversas categorias analíticas que são apresentadas como princípios fundamentais para as discussões acerca da moral e política, especialmente no que concerne a educação. Dentre elas, destacam-se: a vontade geral ou da democracia, por meio da participação concreta das pessoas no projeto social maior; a individualidade, demonstrada como respeito à identificação individual e as diferenças das pessoas enquanto seres únicos; a crítica à razão vigente, especificada como

questionamentos fundamentais e constantes que buscam impedir uma maneira única de entender a realidade; a igualdade e da supressão da opressão, que é a recusa da origem das desigualdades sociais; e a justiça e a liberdade, demonstração da realização da justiça social e a reprovação de qualquer forma de sua banalização.

Rousseau estudou uma proposta pedagógica dentro dos conceitos de moral e da política, campos estes de investigação que serviram para a construção de categorias que permitiram visões diferenciadas sobre os temas da educação.

Possibilitou assim a garantia de que a razão prevaleça sobre os instintos e as paixões, evitando que as desigualdades produzam momentos de barbárie e de vulgarização de princípios fundamentais para tornar mais humanas as condições das pessoas condenadas a se utilizarem da crítica-reflexiva para garantir suas condições morais e, conseqüentemente, políticas.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

CARVALHO, J. M. **Cidadania**: o longo caminho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

CONTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia:** História e Grandes Temas. 17 ed. Sao paulo: Editora Saraiva, 2013.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

EBY, F. **História da educação moderna**: teoria, organização e práticas educacionais. São Paulo: Editora Globo, 1972.

FORTE, L. R. S. **Rousseau**: da teoria à prática. São Paulo. Ed. Ática, 1976.

FREITAS, B. **Piaget: Encontros e Desencontros**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MOSCA, C. B. **Histórias das Doutrinas Políticas**: desde a Antiguidade. Ed. Brasília: UNB e Zahar editores, 1983.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

ROUSSEAU, J .J. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens.** Coleção dos Pensadores. Vol. II. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999a.

_____. **Emílio ou da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **Do contrato social.** Coleção dos Pensadores. Vol I. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999c.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo. Cia. Das Letras,1991.

VASCONCELOS, F. A. **Hermenêutica Jurídica e Derrotabilidade.** Curitiba: Juruá, 2010.

VIEIRA, L. V. **A democracia em Rousseau:** a recusa dos pressupostos liberais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.